

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXX SIC

15 A 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



MAPEAMENTO DO USO DO CONCEITO DE CISGENERIDADE NOS ESTUDOS DE GÊNERO **BRASILEIROS**



Marini Bataglin (ICVOL – UFRGS)
Paula Sandrine Machado (Orientadora –
UFRGS)

INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero com foco nas temáticas trans são áreas da produção do conhecimento ainda em disputa na academia brasileira. Autoras como Neuza Maria de Oliveira, com o livro *Dama de Paus* (1994), e Berenice Bento, com *Reinvenção do Corpo* (2006), são marcos nesses estudos que tensionam relações entre biologia, corpo e identidade de gênero e analisam/problematizam a discursividade acerca da construção da relação sexo/gênero como pré-discursiva. Considerando que produções acadêmicas são importantes instrumentos de legitimação de certos corpos e vivências em detrimento de outros, nos regimes de verdade jurídico-científico-sociais, as recentes produções representam novas possibilidades de vida e relações institucionais para pessoas com expressões e/ou identidades de gênero trans. Dessa forma, o presente trabalho se propõe a mapear o uso do conceito de cisgeneridade nas produções da academia brasileira, sendo cis (e suas derivações) um termo que tomou força fora da academia como reivindicação militante para nomeação do lugar social contrário ao de pessoas trans, demarcando a posição de privilégio e desnaturalizando a experiência de pessoas não-trans como a padrão. Assim sendo, veio para desconstruir a visão da suposta desviante experiência trans, repensando-a como mais uma experiência possível dentro do espectro de gênero.

METÓDO

- Pesquisa bibliográfica no Portal de Periódicos CAPES;
- Foram empregados os termos cis, cisgênero e cissexual (termos dentro do guarda-chuva de cisgeneridade) e usados os filtros Ciências Sociais, Psicologia e Artes;
- Recorte do estudo “Produção de subjetividade, tecnologias de governo e as relações com a cisheteronorma: trajetórias de vida no que tange à orientação sexual e à identidade de gênero”.

RESULTADO

As buscas resultaram em 19 textos para o termo cis, 13 para cisgênero e 2 para cissexual. Foram excluídos artigos produzidos por autores/as não-brasileiros/as e/ou produzidos em centros acadêmicos fora do Brasil e artigos repetidos, resultando em 10 produções acadêmicas a serem analisadas. O primeiro artigo encontrado data de 2011. A análise dos textos mostra que o termo foi empregado, majoritariamente, em textos de estudos de gênero com viés feminista interseccional ou naqueles que abordam dificuldades enfrentadas pela população trans no acesso à saúde, mostrando a carência brasileira em estudos de gênero que problematizam a cisgeneridade.

CONCLUSÃO

Cruzando conhecimentos de produções não encontradas nesta busca e produções não-acadêmicas, algumas hipóteses são possíveis: o termo, como alguns dos artigos encontrados no portal CAPES indicam, emerge, inicialmente, de fora da academia, o que explica em algum grau a resistência ao seu uso dentro das produções universitárias; o perfil dos/as pesquisadores/as também tem papel importante: são pessoas cis na maioria das vezes, o que talvez explique a resistência ao uso da palavra, uma vez que esse implica no reconhecimento de um lugar de saber e privilégio a serem reconhecidos pelos/as próprios/as. Publicações em blogs e perfis em redes sociais ainda tem espaço importante para essas reflexões, como aquele criado por Hailey Kaas (www.transfeminismo.com). Pode-se dizer, contudo, que, recentemente, o termo cis e suas derivações têm sido mais usados e defendidos nas produções acadêmicas, a exemplo de Jaqueline de Jesus, em coincidência com a maior entrada de pessoas trans no circuito acadêmico, perspectiva que abre portas para a criação de narrativas ditas por quem antes era apenas objeto das pesquisas.